

## REDPILL: A PROPAGAÇÃO ONLINE-DE UM MOVIMENTO MACHISTA

Nicholas Parra Arduino, Nicolás Verli Chagas, Lívia Gonsalves Toledo.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, nicholas28pa@gmail.com, niverlic@gmail.com, liviagtoledo@gmail.com.

### Resumo

Este estudo tem como objetivo realizar uma análise aprofundada do movimento *Redpill* por meio de uma pesquisa bibliográfica que aborde, de forma crítica, o machismo, tanto em sua manifestação online quanto em sua dimensão estrutural. Ademais, pretende-se identificar os mecanismos pelos quais o movimento *Redpill* consegue persuadir um grande número de indivíduos, explorando as estratégias discursivas e psicológicas que contribuem para sua disseminação e adesão, especialmente no âmbito das redes sociais e fóruns virtuais. Explorando este escrito tem por finalidade evidenciar as nuances das dinâmicas de gêneros trazidas por esse movimento, bem como por outros movimentos situados sob a “machosfera”. Estes, em grande parte, resgatam sistemas e ideologias combatidos por movimentos de orientação progressista, o que gera uma tensão na esfera sociopolítica expressa sobretudo em ambientes virtuais.

**Palavras-chave:** *Redpill*, Masculinidade, Movimentos On-line, Machismo.

**Áreas do conhecimento:** Psicologia, Sociologia

### Introdução

Se utilizando de artigos referentes aos movimentos machistas presentes na internet, este artigo tem como objetivo analisar o Movimento *Redpill*, buscando compreender como se operam as dinâmicas de gênero neste e os discursos que o sustentam. A importância da análise do movimento é elucidar o modo como surgem e se adaptam os movimentos extremistas de cunho machista no contexto da internet e, sobretudo, inteirar o leitor sobre os comportamentos e práticas que tornam a internet um espaço potencialmente insalubre ao público feminino.

Dada a crescente influência desse movimento na internet e fora dela, é imperativo desvendar suas bases, os interesses de seus seguidores e os discursos que promovem. Compreender esse fenômeno é essencial para discutir a internet e suas implicações nas dinâmicas de gênero da sociedade contemporânea.

O termo “*Redpill*” tem sua origem no filme *Matrix*, onde o personagem principal (Neo) é levado a escolher tomar uma entre duas pílulas: uma azul e uma vermelha. A azul o manteria vivendo em uma realidade de ilusões, enquanto a vermelha o traria à consciência sobre a verdadeira natureza do mundo que ele vive. De acordo com Vilaça e Andréa (2021), as criadoras do termo, que são mulheres trans, se referiam à escolha de tomar pílulas de estrogênio, sendo uma alegoria à transição de gênero. Porém, o Movimento *Redpill* apropriou-se dessa metáfora e distorceu sua interpretação original, alegando que ao tomar a pílula vermelha seria possível acordar de uma “lavagem cerebral do feminismo”.

Esse movimento se enquadra em uma subcultura de grupos extremistas, ofensivos e reacionários, de ideologias fundamentadas, dentre outros, no autoritarismo, no conservadorismo e na xenofobia, e que, de acordo com Vilaça e Andréa (2021), por sua vez, parte da ideia de desigualdade como ordem natural. Assim, o movimento *Redpill* considera a desigualdade masculina e feminina como uma predestinação, ordem esta que foi rompida atualmente e, por isso, deve-se tomar a pílula vermelha: ou seja, tomar consciência do rompimento com esta ordem—O movimento se denomina como parte da *manosphere* ou machoesfera (esfera masculina), descrito como “um conjunto de páginas on-line e redes sociais coerentes entre si por seu teor “ultra masculino” (Lima-Santos e Santos, 2022, p. 1).

Segundo Romeiro et al (2024, p. 8), a categoria **Redpill** inclui: “pessoas que afirmam que o homem deve deixar de ser ingênuo e passar a se aproveitar psicologicamente e sexualmente das mulheres. Estes homens costumam se referir às mulheres como infiéis, interesseiras e manipuladoras.”

## Metodologia

Este artigo é fruto de uma pesquisa documental e bibliográfica sobre o movimento machista chamado “*Redpill*”. Se servindo de outros artigos sobre movimentos machistas nas redes sociais, além de temas relacionados como a relação feminina com a internet e o machismo estrutural, assim se torna possível entender o surgimento desse tipo de movimento e como é possível que estes possam persuadir um grande número de pessoas. Buscando por palavras chave como “machismo”, “internet”, “*Redpill*” e *incel*, se pode afunilar a procura sobre esses temas em bancos de dados de artigos científicos.

## Resultados e discussão

O estudo abre a possibilidade para análise da nova onda antifeminista e também contribui para a moldagem de uma compreensão de como a internet influencia o social. Porém, devido à natureza sucinta de um resumo expandido, o estudo é limitado por falta de uma pesquisa longitudinal, além da falta de estudos demográficos concretos que possibilitam a afirmação mais categórica sobre os impactos sociais fora do mundo online, aplicando uma análise apenas no ambiente virtual. Com isso, este estudo possibilita que uma série de fatores ainda sejam explorados por demais pesquisadores posteriormente.

Olhando para as dinâmicas de gênero construídas ao longo da história, é observável que ao papel masculino sempre foram atribuídas as qualidades do poder e da dominação, enquanto ao feminino foram atribuídas as da impotência e submissão, divisões que se buscaram legitimar pela união intrínseca e naturalizada entre gênero e sexo. Atualmente, importantes esforços do movimento feminista vêm questionando essas atribuições, o que gradualmente retira a força de estruturas sociais opressivas como o machismo e o patriarcado.

Simone de Beauvoir, reverenciada filósofa e teórica e ativista feminista, a partir de seu livro “O Segundo Sexo”, aponta justamente para a questão de construção de gêneros, analisando os papéis de submissão atribuídos ao feminino a partir de diversas áreas, como a biologia, a psicanálise e o materialismo-histórico. Segue um dos enunciados mais fundamentais das teorias de Beauvoir (1949. p 293):

Não se nasce mulher: torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a figura que a fêmea humana adquire no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Alegando que a mulher é socialmente construída como uma antítese do masculino, Beauvoir deixa clara a diferença entre o gênero (o qual é essa instituição de sentidos no campo social) e o sexo biológico (conjunto de atributos que definem o macho e a fêmea de uma perspectiva biológica). Com isso, é explícito que os corpos humanos, a depender de seu sexo, os quais não são constituídos de correntes de significação a não ser pela construção de ideias e afetos, são influenciados pelos papéis de gênero só então sob o campo social.

Avessamente ao feminismo, em todas as suas conquistas a favor do feminino, o Movimento *Redpill* está alinhado com um grande volume de valores e atribuições de papel de gênero oriundos de demais momentos históricos e idealismos que sustentam até hoje a “superioridade masculina”. Assim sendo, é plausível associá-lo a um saudosismo às eras de poder exacerbado do masculino, bem como entendê-lo como um contramovimento do feminismo que zela pela retomada de modelos, costumes e ideais incompatíveis com as demandas contemporâneas já em dimensões macropolíticas superados pela presença do feminismo.

De acordo com o discurso *Redpill*, O público alvo desse discurso é diverso, porém uma caracteriza comum é a desconfiança perante as mulheres, tidas como oportunistas, e que se aproveitam da ingenuidade dos homens para tirar proveito. Por isso, a alegoria de tomar a pílula é vital, pois seria o despertar para o fato de que os homens são vulneráveis e estão em desvantagens segundo a leitura do movimento.

Os vários grupos que consomem do discurso *Redpill* entram na machoesfera. Romeiro, et al (2024) define vários grupos, mas vale salientar três deles: o *Incel*, um grupo que se define como praticantes

de um “celibato involuntário”, se encontrando nesse celibato por não serem capazes de conseguir relações com mulheres, o que atribuem à ideia de que estas apenas escolhem homens ricos ou dentro do padrão de beleza; os *Alphas*, que são uma caracterização de um homem decidido, confiante e agressivo que não se submete às decisões femininas. Sendo homens que exaltam a sua força e virilidade e omitem a sua vulnerabilidade emocional. E os *Sigmas*, homens que tentam afastar de expectativas sociais agindo como “lobos solitários”, se consideram raros entre os outros homens, e classificam mulheres bonitas como mais valiosas e são mulheres de alto valor que merecem ter o investimento dos sigmas, porém, demonstram desprezo por mulheres autossuficientes.

Esse público que consome o discurso *Redpill* se considera subalterno, de acordo com Ging (2019), que define os grupos como “masculinidades híbridas”, nos quais a masculinidade se afasta da masculinidade hegemônica, visto que grupos como *Incel* e *Sigma* se consideram subalternos se intitulando como “nerd” e “geek”. É argumentado por Connell (2005 Apud Villela e Antonio 2022) que esses títulos mantêm uma hierarquia de masculinidades, bem como servem de denotação de variedade de valores e ideias, porém todas essas ainda buscam garantir uma dominação sobre as mulheres. Ging (2019) explica que essas masculinidades que se dedicam a propagar o discurso *Redpill* se usam do privilégio histórico e material masculino para subjugar as mulheres, mas rompendo com a “masculinidade tradicional” no sentido de encargo de responsabilidades. Por exemplo, a ideia de que é o homem que deve sustentar a família, para eles é como um empecilho para o uso individual da sua posse financeira, então, por isso, Ging (2019) define esses movimentos como “masculinidades híbridas”.

Por serem o lado preservado, elas sempre vão procurar otimizar suas possibilidades. Reprimir seus interesses sexuais não faz você parecer mais confiável para uma mulher. Na verdade, essa atitude diminui suas chances de conseguir alguma intimidade. Músculos contam mais do que “bom humor” e “personalidade” para conquistar uma mulher jovem e gostosa. Isso não é futilidade, é instinto evolutivo (Amazon, apud Lima e Santos, 2022, p. 14)

“No excerto apresentado percebemos uma tentativa de demonstrar uma cadeia de causalidade baseada em premissas preconceituosa (mais uma vez, a ideia de “malícia feminina””, (Lima e Santos., 2022, p.14).

Ainda, é notável a objetificação das mulheres nos discursos. Os textos *Redpill* são produzidos com argumentos pobres e com pouca argumentação, mas com desprezo ao feminismo e objetificação da mulher, como nesses exemplos “O feminismo hoje é pra mim uma doença... ensina as mulheres a não respeitarem e até odiarem os homens”, “uma mulher com o corpo repleto de tatuagens está apenas escondendo seus traços mais bonitos e femininos. É como colocar adesivos em uma Lamborghini” (Thiago S. 2021).

Os argumentos do movimento *Redpill* se fundamentam também nos mitos de Adão, Lilith e Eva. De acordo com Annunziato (2015), Lilith é a representação do feminismo, uma vez que ela foi contrária a Adão e não se submeteu à inferioridade sob ele, sendo por isso associada a figuras demoníacas e, por sua figura ser associada ao feminismo, o movimento se torna um inimigo que deve ser combatido. Para os *Redpill*, submeter-se a uma posição de igualdade, assim como tolerou em certa medida Adão, acaba por dissolver os privilégios que são garantidos aos homens. Eva, ao contrário de Lilith, se submeteu a Adão, porém também ela representa uma imagem negativa, já que convenceu Adão a comer o fruto proibido, fundamentando então a ideia de irracionalidade feminina e a ingenuidade masculina. Porém, como é dito por Paiva (1989, apud Annunziato T. 2015), “Lilith quer ser igual, Eva não pensa na punição ao desejar a sabedoria proibida. Lilith desobedece a supremacia de Adão, Eva desobedece à proibição”. Então, os *Redpill* se usam dessa “dinâmica Eva e Lilith” para criar desconfiança à imagem feminina e justificar o rancor pelo feminismo, uma vez que é transgressor à “ordem natural”.

## Conclusão

Se compreende então que o movimento *Redpill* tem seu público composto por várias formas de masculinidades, o que compõe a machoesfera, um conjunto de discursos machistas e antifeministas que promove ideias de ultra masculinidade. Este conjunto representa todo um alinhamento reacionário e conservador, o que pode ser entendido como uma série de discursos e sociopolíticas que surgem

como oponentes a discursos progressistas sociais. No caso do movimento *Redpill*, amparados em ideologias como o machismo e o patriarcado, o que é evidenciado que se pretende manter é o enrijecimento de papéis de gênero, os quais pela ótica machista são fortemente delimitados, deterministas, excludentes e capazes de gerar grande sofrimento psicológico aos indivíduos que não se encaixam dentro destes padrões.

A ressignificação de gêneros que percorre os campos social, político e acadêmico atualmente é uma importante ferramenta contra os discursos promotores de dominação, uma vez que questiona determinismos naturais e conveniências da binaridade de gênero, além de ampliar exponencialmente o horizonte de identidades ao reconhecer possibilidades de gênero além do masculino e o feminino. O investimento em movimentos, políticas e pesquisas no contexto acadêmico que adotam essa análise crítica e fomento à multiplicidade de concepções, não só formam um conjunto de esforços que têm o potencial de sobrepujar os discursos de superioridade masculina (como é o caso do movimento *Redpill*), mas também podem ser promotores de saúde psicológica dentre os membros de uma sociedade, uma vez que vêm abrindo e buscando assegurar a proteção de novos espaços existenciais nos quais diferentes indivíduos podem se orientar para além das normas vigentes.

### Referências

ALBERTO, C.F.S.; ALVES, R.M.S. Vista do gênero e violência: pornografia da vingança e o crime da importunação sexual: **científicas-direito**, Julho - 2019 Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/direito/article/view/7672/3505> . Acesso em: 29 fev. 2024

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. SciELO.BR, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YnFdBybc7XNgCsqvw5wPZkx/?lang=pt#> . Acesso em: 5 abr. 2024.

DUARTE, C. R.; MELO, L. B. Aforizações e feminismo na internet: estudo de frases curtas empregadas no movimento Primavera das Mulheres. REVISTA DO GEL, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1477/1177> . Acesso em: 5 abr. 2024.

GING, D. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. Men and Masculinities, 2019. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez102.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&source=&id=W2612191247> . Acesso em: 10 jul. 2024

LIMA-SANTOS, A. V. S.; SANTOS, M. A. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. Estudos e Pesquisas em Psicologia, [S. l.], v. 22, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/69802> . Acesso em: 5 abr. 2024.

MARTINS, Luciane Alves Branco. O Discurso Da Intolerância Contra A Mulher Nas Redes Sociais. RELACult, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1360/730> . Acesso em: 5 abr. 2024.

ROMEIRO, N. L.; CARNEIRO GARCEZ, D.; GARCÊS-DA-SILVA, F. C.; FEVRIER, P. R.; SOUZA, M. da S.; ALVES, A. P. M. Categorización de las nuevas masculinidades en entornos socioinformativos: Reflexiones a partir de los estudios de género y decolonialidad. Biblios Journal of Librarianship and Information Science, 2024. Disponível em: <http://biblios.pitt.edu/ojs/biblios/article/view/1125> . Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Carlos Alberto Ferreira; SILVA, Ronaldo Alvez Marinho. Gênero e violência: pornografia da vingança e o crime da importunação sexual. Interfaces Científicas, 2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/direito/article/view/7672/3505> . Acesso em: 5 abr. 2024.

SCHUTZ, T. O Livro das Red Flags : Os 30 comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno. Ebook. Expansão Masculina, 2021.

VILAÇA, G; ANDRÉA, C. Da mansphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. **EcoPós**. 2021. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27703](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703) . Acesso em: 5 abr. 2024.